

Vozes silenciadas: uma análise materialista do conto “Maria” (2016), de Conceição Evaristo

*Silenced voices: a materialist analysis of the short story
“Maria” (2016), by Conceição Evaristo*

Antonio Kleiton

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

antonio_kleiton_da_penha_alves@aluno.uespi.br

<https://orcid.org/0009-0008-6258-0916>

RESUMO

O conto “Maria” (2016), de Conceição Evaristo, retrata a vida de uma mulher negra, pobre e trabalhadora no Brasil, marcada por condições materiais e sociais de marginalização. A história explora a dura realidade cotidiana de Maria, que enfrenta a exaustão e a marginalização enquanto luta para sustentar seus filhos. Este artigo busca investigar as questões simbólicas no conto sob uma perspectiva materialista. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, que analisa a narrativa à luz da crítica materialista e do marxismo, com base em autores como Cevasco (2013), Cândido (1980) e Eagleton (2023). A análise demonstra que a estrutura narrativa e os elementos simbólicos do conto formalizam as determinações materiais do capitalismo, evidenciando a mercantilização da vida cotidiana, o não acesso a bens básicos e o apagamento do sujeito periférico sob condições sociais de desigualdade.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Maria; materialista; capitalismo.

ABSTRACT

The short story “Maria” (2016), by Conceição Evaristo, portrays the life of a black, poor, working-class woman in Brazil, marked by material and social conditions of marginalization. The story explores Maria’s harsh daily reality, who faces exhaustion and marginalization while struggling to support her children. This article aims to investigate the symbolic dimensions of the short story from a materialist perspective. Methodologically, it is a bibliographical study, with a qualitative and exploratory approach, analyzing the narrative through materialist cultural criticism and Marxism, based on authors such as Cevasco (2013), Cândido (1980) and Eagleton (2023). The analysis demonstrates that the narrative structure and the symbolic elements of the short story formalize the material determinations of capitalism, revealing the commodification

of everyday life, the lack of access to basic goods and the erasure of the peripheral subject under conditions of social inequality.

Keywords: Conceição Evaristo; Maria; materialist; capitalism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sabemos que parte essencial de viver em sociedade é estar sujeito às dinâmicas que nos cercam e influenciam nossas experiências e condições de vida. Ao longo dos anos, a desigualdade social tem sido um dos maiores problemas que grandes parcelas do mundo tentam enfrentar, mas cujas raízes profundas ainda permanecem. Não se trata apenas de uma questão econômica, mas de uma estrutura que marginaliza pessoas, muitas vezes sem que elas tenham culpa ou responsabilidade direta.

Essa desigualdade não apenas separa indivíduos em categorias de privilégios e exclusão, mas também impõe barreiras sistêmicas que limitam as oportunidades e a qualidade de vida de maneira desproporcional. Em muitos casos, como evidenciado no conto “Maria” (2016), de Conceição Evaristo, essa marginalização não é fruto de escolhas pessoais, mas sim de um sistema estrutural que perpetua a exclusão, favorecendo alguns enquanto penaliza outros.

A experiência de Maria nos instiga a pensar como as condições materiais e sociais, moldadas por esse sistema, limitam sua autonomia e a forçam a lidar com uma vida marcada pela luta cotidiana, pela fragmentação e pela dependência. Essas dinâmicas de opressão social não ocorrem em um vácuo, mas estão intrinsecamente ligadas a estruturas econômicas que privilegiam alguns e penalizam outros, com base em características como raça, classe social e gênero.

Dentro desse contexto, a crítica materialista é capaz não só de nos ajudar a entender a experiência vivida por Maria, mas também expõe como a desigualdade social não é um destino inevitável, e sim um produto de uma sociedade que prioriza o capital e a exploração em detrimento da justiça e da dignidade humana.

Embora existam diferenças entre a crítica materialista e o marxismo, optamos por utilizar as contribuições de ambas para realizar uma análise mais aprofundada do conto que narra a história de Maria. A crítica materialista, ao se concentrar nas condições materiais e nas relações sociais que moldam a produção cultural, permite examinar como

estruturas econômicas e sociais influenciam a arte (Cevasco, 2013). Já o marxismo oferece uma base ideológica e histórica para compreender as dinâmicas de poder e exploração presentes na sociedade e como essas dinâmicas são refletidas e criticadas na literatura (Eagleton, 2023).

Ao integrar essas abordagens, buscamos uma análise que vá além da crítica social explícita feita por Conceição Evaristo, explorando também como sua obra reflete e critica as dinâmicas sociais complexas. Isso nos permite compreender tanto a denúncia de injustiças sociais quanto a profundidade e a relevância do conto no contexto das condições materiais e sociais.

Diante disso, este artigo propõe responder à seguinte questão: como as questões simbólicas no conto “Maria” podem ser investigadas sob uma perspectiva materialista? O objetivo geral é investigar as questões simbólicas no conto “Maria”, de Conceição Evaristo, sob uma perspectiva materialista. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e qualitativa com base em autores como Cevasco (2013), Cândido (1980) e Eagleton (2023), entre outros. A pesquisa revela que o conto formaliza, em sua estrutura narrativa, as determinações materiais que moldam a vida de Maria, evidenciando a marginalização e a luta pela sobrevivência.

Este artigo está estruturado em duas seções, além das considerações iniciais e finais. A primeira seção é dedicada a apresentar a crítica materialista e sua relevância para a análise. A segunda se trata de uma análise do conto “Maria” sob um viés materialista, buscando identificar, em trechos do conto e em sua simbologia, elementos que dialogam com as condições materiais e sociais que moldam a vida de Maria.

Nossa pesquisa se diferencia das demais sobre “Maria” ao analisá-lo sob uma perspectiva materialista, pois, após uma pesquisa no Google Acadêmico sob as palavras-chave “Conceição Evaristo” + “Maria” + “materialista” + “estudos culturais”, não foram encontrados, nos últimos quatro anos, estudos que abordassem a obra a partir desse viés. Assim, nossa pesquisa busca preencher essa lacuna acadêmica, trazendo novas inquietações e enfoque temático.

Embora não existam pesquisas específicas sobre o conto sob essa perspectiva, acreditamos ser fundamental apresentar brevemente os antecedentes de nosso estudo. Isso se justifica pois, por meio das análises já realizadas sobre o conto, podemos obter uma visão mais clara do que tem sido abordado e estudado a partir de outras abordagens. Tal

panorama nos permite situar nossa análise em um contexto mais amplo, contribuindo para uma compreensão mais enriquecida e crítica do conto. Dessa maneira, optamos por destacar duas dessas contribuições por se aproximarem, ainda que de forma distante, da perspectiva aqui proposta.

A pesquisa de Bianca Camila de Andrade Silva, intitulada “A representação da mulher negra no espetáculo IDA: reflexões sobre o teatro negro contemporâneo e as lutas identitárias” (2022), analisa o espetáculo contemporâneo IDA, o qual centraliza a identidade da mulher negra brasileira e aborda suas fragmentações e interseções. Fundamentada em autores como Sueli Carneiro (2019), Roberto Gill Camargo (2015), Walter Benjamin (2017) e Maria Elisa Cevasco (2012), a dissertação examina como o teatro negro contemporâneo, influenciado por movimentos como o Teatro Experimental do Negro de Abdias do Nascimento e pela estética política de Brecht, ressignifica narrativas hegemônicas e cria novos imaginários identitários. A pesquisa contribui para o entendimento das possibilidades estéticas e políticas do teatro negro como espaço de transformação e luta diante das disputas identitárias na sociedade brasileira.

O artigo de Querla Santos *et al.* (2021), intitulado “Racismo estrutural no conto ‘Maria’, de Conceição Evaristo”, analisa, sob a perspectiva da teoria pós-colonial, como o racismo estrutural molda a narrativa do conto presente na obra *Olhos d’Água*. Fundamentada em autores como Silvio Luiz de Almeida (2018), Homi Bhabha (2010) e Djamila Ribeiro (2017), a pesquisa explora a condição de Maria, mulher negra, pobre e mãe solo, cuja existência é marcada por violências históricas e sociais que a conduzem à morte. Ao trazer o conto como denúncia, o estudo conclui que o racismo, o machismo e a exclusão social seguem matando “Marias” cotidianamente, reforçando a importância de avançar nas discussões sobre subalternidade e lugar de fala.

Assim como as demais pesquisas, buscamos oferecer contribuições a respeito do tema por meio da apresentação de nossas próprias inquietações e resultados. Acreditamos que, ao analisarmos o conto “Maria” sob uma ótica materialista, somos capazes de enriquecer nossa compreensão sobre as dinâmicas sociais que permeiam e marginalizam a experiência negra, ao mesmo tempo em que instigamos novas maneiras de pensar sobre a sociedade.

A CRÍTICA MATERIALISTA

Para compreender plenamente a crítica materialista e sua importância na análise cultural, é necessário traçar, ainda que brevemente, uma linha histórica das abordagens críticas que a precederam e influenciaram. Isso nos permite enxergar como nossas percepções críticas foram moldadas ao longo do tempo, com o aprofundamento em estudos que examinam a relação entre arte e sociedade.

Ao refletirmos sobre a relação entre a tradição materialista e a crítica cultural, percebemos que, para essa perspectiva, “a cultura concretiza relações socio-históricas e o trabalho da crítica é examinar os modos como a arte descreve e interpreta essas relações” (Cevasco, 2013, p. 16). Nesse contexto, a crítica materialista desempenha um papel crucial ao revelar as estruturas de poder e as condições materiais que moldam as produções culturais. Assim, o crítico assume uma relevância social significativa, pois examina a produção cultural como a formalização dos significados e valores de uma sociedade (Cevasco, 2013).

Um dos desafios da crítica materialista é que o crítico analisa uma estrutura da qual ele próprio faz parte e, muitas vezes, também reproduz (Cevasco, 2013). Desvincular a arte do contexto histórico e social em que está inserida é uma tarefa difícil, especialmente quando se enxerga a arte apenas como um reflexo da realidade conhecida. Essa visão pode limitar o potencial transformador da arte, reduzindo-a a uma mera ilustração de ideias preestabelecidas sobre o mundo (Cevasco, 2013).

No entanto, ao considerar a estrutura como elemento essencial da arte, percebe-se que ela transcende questões sociais imediatas e não está restrita às imposições da história. Nesse sentido, algumas abordagens críticas buscaram isolar o texto literário de seu contexto, resultando em interpretações subjetivas e restritas que poderiam beneficiar apenas determinados grupos enquanto ignoravam outros (Cevasco, 2013).

A verdadeira análise crítica, contudo, busca compreender os elementos que formam o significado e o impacto da obra como um todo indissolúvel. “Tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra” (Cândido, 1980, p. 5). Dessa forma, a crítica materialista não apenas analisa o texto, mas também os contextos que influenciam e são influenciados por ele.

Fundamentada no materialismo histórico e dialético, essa crítica oferece uma perspectiva profunda sobre a relação entre arte e sociedade. O materialismo histórico,

segundo Eagleton (2023), enfoca as relações de produção e a luta de classes como motores das mudanças históricas. Já o materialismo dialético considera a realidade como um sistema dinâmico de contradições e desenvolvimentos contínuos, analisando os processos históricos e sociais de maneira abrangente (Eagleton, 2023).

A concepção da obra como um organismo integrado, segundo Cândido (1980), permite uma análise rica e contextualizada, considerando todos os fatores que condicionam e motivam a obra como parte de um sistema interconectado de significados e valores. Essa abordagem evita isolamentos interpretativos e privilegia uma visão mais ampla da interação entre arte, história e sociedade.

Por fim, como destaca Cevalco (2013), o legado dos pensadores materialistas está em demonstrar a necessidade histórica de libertar o pensamento das limitações impostas pelo capitalismo. Ao apontar essas restrições e fragmentações, a crítica materialista promove uma análise mais coesa e transformadora das condições sociais e culturais, reforçando sua relevância para o entendimento da arte e da sociedade.

O CONTO “MARIA” (2016)

O conto “Maria” integra o livro *Olhos d’água* (2016), uma coletânea de 15 contos originalmente publicados na série *Cadernos Negros* (Evaristo, 2016). As narrativas presentes no livro são ambientadas em favelas e ruas e retratam a vida do povo pobre, frequentemente vítima da violência urbana (Evaristo, 2016). Os contos exploram histórias de mulheres negras e de homens cujos destinos estão profundamente ligados às mulheres em suas vidas.

A escritora Conceição Evaristo, nascida em 1946 em uma favela de Belo Horizonte (MG), teve contato com a literatura desde cedo, graças à sua mãe, que narrava histórias e colecionava livros e revistas para os filhos (Evaristo, 2016). Apesar das adversidades, formou-se no Curso Normal aos 25 anos e, em 1973, tornou-se professora no Rio de Janeiro, onde trabalhou até 2006. Graduiu-se em Letras pela UFRJ (1990) e lecionou em programas de pós-graduação no Brasil e nos Estados Unidos, com ênfase na história e na cultura afro-brasileira e africana (Evaristo, 2016).

O conto se inicia com uma cena corriqueira na vida de Maria: “Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar” (Evaristo,

2016, p. 41). Essa espera não expressa apenas exaustão física, mas revela uma condição material que regula sua possibilidade de deslocamento. O deslocamento urbano aparece como prática mediada pelo dinheiro, na qual a circulação do corpo é condicionada pela capacidade de pagamento e subordinada à necessidade do trabalho e da sobrevivência. Nesse sentido, a cena pode ser compreendida à luz de Terry Eagleton, para quem, sob as condições da alienação, “não há muito de construtivo a ser descoberto na existência social cotidiana” (Eagleton, 2023, p. 25), já que as práticas mais elementares da vida passam a reproduzir, de forma naturalizada, as determinações do capital. Mesmo consciente de sua situação — “estava cansada de esperar” —, Maria não dispõe de alternativas para escapar dessa lógica, pois sua mobilidade, seu tempo e seu corpo encontram-se integralmente submetidos às forças estruturais que organizam materialmente sua existência.

O trabalho e as atividades diárias de Maria, como caminhar longas distâncias, definem sua existência social: “Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada” (Evaristo, 2016, p. 41). Esse trecho ilustra como as condições materiais moldam não apenas sua rotina, mas também sua identidade social. Como observa Eagleton: “[...] as atividades materiais dos homens e das mulheres estão na origem de sua existência social” (Eagleton, 2023, p. 19). Essas atividades, embora sustentem a sobrevivência de Maria, também revelam a dureza de sua realidade, onde o esforço físico constante é resultado direto de sua posição na estrutura social.

O apagamento de Maria na narrativa relaciona-se à sua condição material de privação, pois sua presença se constrói não a partir da ceia, mas da espera pelas sobras. A ausência de um sujeito explícito em construções como “O osso, a patroa ia jogar fora” (Evaristo, 2016, p. 41) desloca o foco da personagem para o objeto-alimento, revelando como a fome e o acesso restrito à comida organizam não apenas sua vida, mas também a própria estrutura do enunciado. Nesse movimento, Maria aparece menos como sujeito de desejo e mais como corpo submetido à lógica da sobrevivência, cuja alimentação depende do desperdício alheio. Segundo Antônio Cândido (1980), os fatores sociais e psíquicos atuam como agentes estruturais da obra, e não como simples registros externos do conteúdo: “Ao se interessarem pelos fatores sociais e psíquicos, procuram vê-los como agentes da estrutura, [...] permitindo alinhá-los entre os fatores estéticos” (Cândido, 1980, p. 5). Assim, a supressão do sujeito na frase não se configura como recurso estilístico isolado, mas como efeito formal das condições materiais que atravessam a narrativa, nas

quais a fome, o não acesso ao alimento e a dependência dos restos da ceia da patroa determinam o lugar social e simbólico ocupado por Maria.

A espera pelos restos da ceia da patroa evidencia uma relação assimétrica de classe, na qual o acesso ao alimento se dá pela dependência e não pela autonomia. O fato de Maria levar para casa o osso do pernil, “O osso, a patroa ia jogar fora” (Evaristo, 2016, p. 41), revela de maneira contundente a contradição própria do sistema capitalista, no qual a abundância e o desperdício coexistem com a escassez e a privação. Essa cena dialoga com o entendimento de que a comida, no capitalismo, é tratada como mercadoria, submetida à lógica do valor de troca e não da necessidade humana. Nesse sentido, como afirma Cevasco (2005, p. 63), “Trata-se de um processo social onde os valores culturais [...] têm o papel fundamental de azeitar o funcionamento da sociedade [...] através da propagação da ideologia dominante por meio das mercadorias”. Assim, a alimentação deixa de ser uma questão de subsistência coletiva e passa a integrar o circuito desigual da produção, do consumo e do descarte.

Na sociedade contemporânea, as forças do modo de produção têm grande controle sobre nossas vidas, estruturando consciências e deformando modos de pensar e sentir (Cevasco, 2013). Esse controle é perceptível ao longo do conto, cujos simbolismos materialistas evidenciam as limitações impostas a Maria e a luta cotidiana que ela enfrenta.

O preço da passagem estava aumentando tanto/ Ganhara as frutas e uma gorjeta./ A gorjeta chegara numa hora boa./ Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. (Evaristo, 2016, p. 41).

Desde o início do conto, é possível observar como as relações de Maria são marcadas pela mercantilização. Sua sobrevivência depende de restos de comida e gorjetas da patroa, destacando sua posição na estrutura econômica e social. Esse cenário reflete o conceito apresentado por Cevasco: “[...] a forma mercadoria, com seu poder avassalador de operar uma equivalência geral no sistema de trocas, mercantiliza todas as relações humanas [...] nesse processo, os sujeitos se transformam em objeto” (Cevasco, 2013, p. 20). A vida de Maria é dominada por necessidades materiais imediatas e pelo valor monetário das coisas, como o preço da passagem e as gorjetas recebidas. Esse domínio exemplifica como a forma mercadoria transforma interações humanas em trocas

econômicas, ocultando as pessoas por trás desses processos. Maria e suas necessidades tornam-se secundárias ao valor dos objetos e do dinheiro, reforçando a ideia de que, no processo de mercantilização, os sujeitos são reduzidos a objetos.

Essa dinâmica se entrelaça com a fragmentação presente na vida de Maria e na estrutura do conto. A narrativa, pontuada por trechos curtos e desconexos, reflete a ausência de continuidade em sua vida. Cevasco (2013, p. 26) observa: “Não é de se surpreender que a subjetividade contemporânea à deriva seja marcada pelo esmaecimento dos afetos e que a alienação e a angústia do sujeito moderno sejam substituídas pela fragmentação e pela indiferença”. No conto, essa fragmentação aparece em momentos como: “Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada” (Evaristo, 2016, p. 41). Esses trechos isolados enfatizam a descontinuidade e a instabilidade na vida de Maria, ilustrando como ela lida com a fragmentação de sua existência cotidiana.

A reflexão sobre dependência mútua e realidade cotidiana também é central para compreender a experiência de Maria. Eagleton enfatiza a importância de reconhecer a solidariedade humana e a influência do meio em nossas vidas: “[...] insiste na solidariedade com as coisas mezinhas do mundo, cultivando assim a virtude da humildade. Consternado com a fantasia de que os seres humanos são de todo autodeterminantes, ele nos lembra de que somos dependentes uns dos outros, bem como de nosso meio” (Eagleton, 2023, p. 16). Esse pensamento dialoga diretamente com a condição de Maria, cuja existência é moldada pela interdependência entre suas necessidades materiais, suas relações e a estrutura social em que está inserida.

Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoo. Da barriga enorme que todos diziam de gêmeos, e da alegria dele. Que bom! (Evaristo, 2016, p. 42).

Embora Maria consiga criar seus filhos sozinha, ela ainda nutre o desejo de ter um marido, acreditando que isso facilitaria sua vida. Esse anseio, no entanto, é confrontado pela realidade: o pai de um de seus filhos é um assaltante, levando Maria ao questionamento: “Meu Deus, como seria a vida de seus filhos?” (Evaristo, 2016, p. 43). Essa reflexão evidencia a fragilidade da noção de autodeterminação. Apesar de sua força e capacidade de sustentar os filhos diante das adversidades, Maria não está isenta de sua

dependência do outro e das condições que a cercam, reforçando a perspectiva de Eagleton (2023), que destaca como as vidas humanas são moldadas por interdependências sociais e materiais. Assim, Maria mostra que, mesmo enfrentando as dificuldades de forma autônoma, o contexto social continua desempenhando um papel crucial em sua vida e na formação de sua identidade.

O apagamento da identidade também aparece em outra cena significativa do conto, dentro do ônibus, onde Maria é hostilizada pelos outros passageiros após um assalto. Nesse momento, percebe-se como a individualidade de Maria, assim como a dos demais passageiros, é diluída. Quase como se todos fossem uma só pessoa, as identidades tornam-se anônimas e indistinguíveis, revelando um ambiente de indiferença e fragmentação. A atitude dos passageiros demonstra como as condições sociais e econômicas podem desumanizar e apagar as subjetividades individuais, reduzindo-as a símbolos das circunstâncias em que estão inseridas.

Essa desumanização coletiva reflete o que Cevasco (2013, p. 26) descreve como o “esmaecimento dos afetos”, que marca a subjetividade contemporânea à deriva. O conto, ao retratar esse episódio, sublinha como o sistema de trocas mercantilizado e as desigualdades estruturais não apenas moldam as relações humanas, mas também corroem a empatia e a solidariedade, deixando os indivíduos presos em uma constante luta contra a alienação e a indiferença.

Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. [...] A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! (Evaristo, 2016, p. 43-44).

Nesse trecho, a identidade dos passageiros também não é revelada, como se todos fossem reduzidos a uma mesma condição, fazendo parte de uma massa indistinta. Pelo contexto da história e da situação, presume-se que, assim como Maria, eles são trabalhadores vítimas do mesmo sistema, lutando para sobreviver em uma sociedade que os coloca em uma existência programada, sem verdadeira autonomia ou controle sobre suas vidas (Eagleton, 2023). Essas pessoas, dependentes de um sistema que se beneficia

de seu trabalho, acabam resumidas a uma massa uniforme, desprovidas de singularidade, enquanto sustentam estruturas que perpetuam desigualdades sociais e econômicas.

Essa dinâmica é reforçada pela análise de Cevalco (2013, p. 24), que aponta: “A onipresença e o poder avassalador da imagem na sociedade de consumo evidenciam a predominância da esfera da cultura sobre todas as outras esferas da vida social”. Esse pensamento destaca como as dimensões materialistas acabam ultrapassando a mera sobrevivência econômica, tornando-se centrais a ponto de obscurecer os tipos de relações interpessoais que poderíamos ter uns com os outros. O fluxo constante de exigências e mutações na sociedade contemporânea aprisiona os sujeitos, tornando-os reféns de uma dinâmica que beneficia estruturas poderosas, enquanto eles lutam diariamente por sobrevivência, como podemos observar em Maria, muitas vezes sem perceber sua própria submissão a essa lógica desigual.

No conto, a figura do melão aparece de forma simbólica em dois momentos cruciais: no início e no fim da narrativa. Primeiramente, Maria reflete: “As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão?” (Evaristo, 2016, p. 41). Já no desfecho trágico, o melão ressurgue no contexto do linchamento de Maria: “A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão?” (Evaristo, 2016, p. 44). O melão simboliza um desejo por uma vida melhor, mais tranquila e menos limitada pelas dificuldades econômicas e sociais. Entretanto, o fim trágico de Maria sublinha que esse ideal permanece inalcançável para ela, enfatizando a impossibilidade de escapar das limitações impostas pela estrutura social em que está inserida.

No viés do conto, podemos evidenciar que o sistema de produção não apenas explora os sujeitos, mas também cria uma cultura que molda e empobrece as relações humanas. Essa realidade é um reflexo direto das palavras de Cevalco (2013, p. 20), que afirma a importância da análise dos significados, valores e modos de simbolização, em uma palavra da cultura, que molda e dá sentido à experiência do vivido. Por meio dessa análise, o conto de Evaristo nos convida a perceber com clareza as forças que operam para manter uma versão limitada e alienada da vida. Ao mesmo tempo, a narrativa desafia os padrões reproduzidos diariamente, propondo uma crítica que não apenas abre os olhos do leitor, mas também o incita a questionar e resistir às estruturas opressoras que regem a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do conto “Maria”, de Conceição Evaristo, sob uma perspectiva materialista, revela a profundidade das condições materiais e sociais que moldam a vida de Maria, expondo as injustiças e opressões que permeiam sua existência. A integração da crítica materialista com as contribuições do marxismo permitiu identificar como as estruturas econômicas e sociais não apenas influenciam, mas definem a experiência vivida de Maria e de muitos outros indivíduos que como ela estão marginalizados na sociedade.

A crítica materialista mostrou que o conto não ilustra apenas uma realidade social específica, mas também atua como uma crítica mais ampla ao sistema que perpetua condições de desigualdade. A representação da marginalização e da luta diária de Maria evidencia como a mercantilização das relações humanas e a fragmentação da vida cotidiana contribuem para a alienação e a desumanização das pessoas.

Portanto, com base nas constatações apresentadas, pode-se afirmar que a crítica materialista oferece uma ferramenta valiosa para a análise literária, proporcionando uma compreensão mais aprofundada das condições que moldam a experiência humana. Essa abordagem também abre espaço para refletir e desafiar as estruturas opressivas enraizadas na sociedade contemporânea. Por fim, o conto “Maria”, de Conceição Evaristo, não se revela apenas como uma representação da luta individual, mas como uma crítica à realidade social e econômica que perpetua desigualdade e injustiça, convocando os leitores a refletirem sobre os sistemas que moldam e restringem a vida das pessoas.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudo de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

CEVASCO, Maria Elisa. Momentos da crítica cultural materialista. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, n. 12, p. 56-67, 2005.

CEVASCO, Maria Elisa. O diferencial da crítica materialista. *Ideias*, v. 4, n. 2, p. 15-30, 2013.

SANTOS, Querla Mota dos; SANTOS, Cláudia Regina Mota dos; COSTA, Alex Santana. Racismo estrutural no conto “Maria”, de Conceição Evaristo. *Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade*, Igarapé, v. 14, n. 3, p. 75-88, 2021.

EAGLETON, Terry. *Materialismo*. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016.

SILVA, Bianca Camila de Andrade. *A representação da mulher negra no espetáculo IDA: reflexões sobre o teatro negro contemporâneo e as lutas identitárias*. 2022. 93f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Recebido em: 12/02/2025

Aceito em: 31/02/2026

Antonio Kleiton: mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), na linha de pesquisa Literatura e Outros Sistemas Semióticos, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Graduado em Letras Inglês pela UESPI (2023). Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena e em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa pelo Centro Universitário Internacional UNINTER. Desenvolve pesquisas nas áreas de estudos literários, com ênfase em Estudos Queer, Estudos Culturais, Crítica Literária e Literaturas LGBTQIAPN+.